

o romance brasileiro através

Entre o Brasil e Portugal, a-pesar-de todos os protestos de íntimo parentesco e amizade fraterna, existe apenas um conhecimento de superfície onde se revela, por vezes, somente o grotesco e o anedótico dos dois países. Portugal desconhece tanto o Brasil como o Brasil desconhece Portugal.

Os brasileiros julgam Portugal pelo seu emigrante. Ora, o emigrante português,—trabalhador incansável até à humilhação—que desce das aldeias das Beiras e do Minho, possuindo um grau ínfimo de cultura e embalado simplesmente pelo interesse económico, só pode, no dia da sua chegada ao Brasil, vestindo ainda o fato desageitado de campónio, ficar embasbacado diante dos arranha-céus da Avenida Rio Branco.

Os portugueses, por sua vez, julgam o Brasil à imagem e semelhança desses mesmos portugueses abasbrilhados que de lá voltam.

Grupos de Académicos e de consagrados resolvem de quando em quando abrir elogio mútuo de lá para cá e de cá para lá mas, como semelhante diálogo se realiza através dos belorentos lugares-comuns dos imortais, a aproximação transforma-se, para os valores vivos de quaisquer dos dois países, num abismo cada vez maior.

Vão ao Brasil, como «*lidmos representantes*» das letras de Portugal, o «conhecido imortal» Dr. Júlio Dantas, com as suas marquesas postiças e os seus gatos de angorá, e o «poeta da raça», Snr. Correia de Oliveira, cheio de lirismo lamechas que fez corar de pudor as moças de Copacabana, e vêm a Portugal duas ou três amostras do mesmo jaez. Com semelhantes embaixadores o convívio agrava-se e o verdadeiro conhecimento torna-se impossível.

A literatura brasileira é em Portugal conhecida pela rama, meia dúzia de consagrados como: Coelho Neto, José Alencar, Machado de Assis, Euclides da Cunha, Bilac —e já é muito—são mais ou menos lidos pelo público vulgarmente chamado culto.

De tal intercâmbio nasceu o «nativismo» fanático do Brasil, que vê no português o homem que gosta de bacalhau e usa tamanhos, e em Portugal resultou a visão depreciativa no julgamento das forças espirituais que residem em potencial na grande nação brasileira.

Mas as novas gerações de Portugal têm combatido pelo verdadeiro intercâmbio cultural, literário e artístico entre os dois países,

J O R G E

o mesmo acontecendo com os escritores novos do Brasil.

Portugal possui uma valiosa geração de nomes já feitos e outra de muitos outros que se começam a afirmar com o início de verdadeiras obras. Por sua vez o Brasil possui actualmente a sua primeira grande geração literária.

Só agora o Brasil nos aparece completamente revelado, mostrando uma personalidade forte, complexa, rica; embora limitada pelos verdes anos da sua verdadeira mocidade nacional. O que melhor retrata o Brasil, oferecendo-nos uma visão original e profunda da sua estrutura de nação, é a pleiade admirável dos seus romancistas à frente dos quais devemos colocar: Jorge Amado, Amando Fontes e Lins do Rêgo.

Nas páginas destes três romancistas sentimos vibrar a alma e o corpo de um povo que vive ainda a sua infância, mas que nos oferece uma inquietação profunda que sem perder o sabor local nos aparece com um

dos seus principais intérpretes

A M A D O

sentido humano e universal. Sentimos frente ao moderno romance brasileiro a originalidade de um novo mundo que se levanta virgem e primitivo do outro lado do Atlântico, diferente do mundo da velha Europa, ultra-civilizada e culta.

No romance brasileiro não existe o subjectivismo agónico que Dostoiwesky introduziu na literatura europeia; falta-lhe o freudismo, a psicanálise, o intelectualismo, isto é, as sugestões filosóficas, políticas e morais da cultura do velho mundo. É ausente de personagens labirínticas, do aprofundamento interior das figuras até aos grandes enigmas que nos revelam os romances de Proust, Gide ou James Joyce. Falta-lhe aquele peso da idade que conta sem querer as profundas lutas de consciência—revoluções políticas e cismas religiosos. É divorciado dos requintes sensíveis dos romances novos da Europa, como os de Rosamond Lehmann e Margaret Kennedy, ou dos «requintes» intelectuais de Motherland, ou dos «requintes» brutais de um Lawrence. Quere dzer, o romance do Brasil não contém o «requinte»,—teimo nesta palavra porque é significativa e precisa—mas em compensação possui outras forças ocultas que o dinamizam. Não é impunemente que a Europa é «velha», que viveu tanta angústia e suou tanto sangue, que pariu tantos génios que lhe arranharam o ventre até ao mais recôndito. Não é também impunemente que o Brasil é novo. É a mocidade do Brasil, a ingenuidade do seu povo, a Humanidade primitiva que forma o germen da sua nacionalidade que se entregam, como uma virgem, espontânea e gratuitamente ao «cio» dos seus romancistas sem temer que eles desvendem todo o segredo da sua nudez inocente.

O romance brasileiro é simples. Nem podia possuir as complicações do romance europeu, porque as complicações são fruto da experiência e da cultura, e a experiência como a cultura (verdadeiras) só se adquirem com a idade.

Tôdas estas considerações são gerais ao romance brasileiro, servem para todos os seus romancistas o que não quer dizer que os seus romancistas sejam todos semelhantes, antes pelo contrário, todos os romancistas novos do Brasil são independentes e originais entre si.

Jorge Amado é o maior romancista do Brasil, talvez mesmo até o maior romancista que escreve em língua portuguesa. Não gosto de aventurar juízos absolutos, mas este surge-me tão claro e espontâneo que eu não receio escrevê-lo, seria até uma traição se não o dissesse sem subterfúgios com receio de me tornar dogmático e simplista.

Jorge Amado escreveu já, a-pesar-de muito novo, vários romances mas três deles surgem-nos como verdadeiras obras primas, são daqueles livros que nunca mais esquecem,

que ficam não somente na nossa estante a servir de ornamento mas no nosso espírito a marcar de quanto é capaz o poder criador do homem.

«Mar Morto» é a história da beira do cais da Baía, a história do mistério do mar que nem os velhos marinheiros entendem. É o que diz o próprio romancista numa nota prefacial. Todo o romance é a história de Guma; a sua infância, a sua mocidade, o seu amor com Siria e pedaços do seu amor com outras, aquelas que são anónimas mas que matam a fome do cio. O pano de fundo é o mar. Yeuranjá,—deusa da mitologia negra,—dona dos mares e dos saveiros, é a figura divinizada das águas onde se afogam os corpos dos navegantes, onde se despedaçam os barcos e os sonhos. Mas é de Yeuranjá que eles esperam a salvação, é para ela que eles vivem e morrem, estrangulados pelas suas mãos de espuma, e vão para o fundo do mar com o sonho de lá encontrarem a felicidade negada. Páginas belas de paganismo negro nos revela Jorge Amado neste seu romance, tôda a mitologia negra feita de primitivismo místico e de religiosismo primário passa aos nossos olhos como um admirável filme onde se desdobra a pouco e pouco o nascer de uma nova vida. Todos os pescadores do cais da Baía esperam que Yeuranjá os salve da miséria em que vivem, só o médico e a professora sabem que Yeuranjá é um símbolo e que a salvação está dentro do próprio homem. «Mar Morto» é um romance encharcado de mar, de sonho e de poesia que não chegam no entanto para afogar a Humanidade profunda de algumas das suas páginas, cuja leitura nos comove até às lágrimas. A vida salta palpante do envólucro de sonho e poesia com que Jorge Amado envolveu a história da Beira do cais da Baía, como se fosse o sangue escuro que se liberta das artérias. O sonho não pode resistir à força da miséria e da morte, é o que nos dão algumas das páginas de Jorge Amado, embora para ele a miséria e a morte sejam ainda sonho: o Sonho de Liberdade.

«Jubiabá» é a obra mais representativa e rica da literatura brasileira. Pinta a vida de um negro que foi mendigo, jogador de box, trabalhador nas safras de fumo, artista de circo, operário, grevista. É a história de um homem que aspira à liberdade, que vive para a procurar e que só a encontra quando nêle desponta a consciência de fim. Quando a sua luta pela vida toma significado e finalidade. No romance deparamos com tudo que a vida pode apresentar para viver a um primitivo, que a vive embalado por dois sonhos que não o abandonam: o amor impossível por Sindinalva—rapariga branca, filha de um comendador do qual o negro foi criado—e Jubiabá—negro feiticeiro que vive para a libertação dos pretos. António Balduino—tal é o nome do principal personagem—ama muitas mulheres, mas em tôdas ama Sindinalva; luta contra tudo mas tudo o que faz é para não se escravizar, para seguir a voz mística de Jubiabá.

Por fim Sindinalva morre, prostituída por outros, mas para êle sempre virgem e inacessível; e «Jubiabá», o feiticeiro, inclina-se diante dêle como se êle fosse «O xolufá, Oxalá velho, o maior de todos os santos» porque êle, o negro António Balduino, tinha encontrado o caminho verdadeiro.

«Jubiabá» é um livro raro em qualquer literatura, por si só capaz de fazer o nome literário de primeira plana. Chega a parecer impossível como um rapaz de pouco mais de 20 anos possui já experiência para compreender certos ângulos da vida que parecem encobertos pelo tempo. A alma negra, o mistério do seu primitivismo bárbaro não tem segredos para os olhos de Jorge Amado, êle sabe ver tôda a sua nudez supersticiosa, fatalista, mas ao mesmo tempo heroica, capaz de regeneração e de vitória.

O último dos três dos maiores romances de Jorge Amado são os «Capitães da Areia», romance do rapazio abandonado na sua Baía de Todos os Santos, que levantou um lar num velho trapiche. São crianças que vivem perseguidas pela polícia e pela miséria. Falta-lhes tudo: carinhos de mãe, carícias de irmãos, conselhos de educadores, etc.... Como tudo lhes falta eles são tudo para eles mesmos. A vida bem cedo lhes aparece com tôdas as agruras, gritando-lhes aos ouvidos: é preciso arranjar que comer e que vestir. Roubam. Os homens julgam-nos criminosos. A justiça só lhes oferece um destino: reformatório com café e bolos. Só o padre Zé Pedro os compreende e vem ao trapiche falar-lhes em nome de Deus. Mas nada obsta a que os «Capitães da Areia» vivam do ódio, ódio que só tem paralelo no desprezo que tôda a gente lhes votou. Na solidão do velho trapiche abandonado, nos cárceres imundos das esquadras de polícia, nas cafúas dos reformatórios, nas ruas da cidade onde todos os olhos com desconfiança e nojo, vai-se desenvolvendo um sonho de revindicta que determinará o destino de todos. O amor entre Pedro Bala—chefe dos Capitães da Areia e Dora—rapariga abandonada que aderiu ao grupo—atinge o nível mais elevado do livro, enchendo algumas páginas transbordantes de ternura e sonho.

Jorge Amado dá-nos em tôda a sua obra aquilo que um jovem crítico português chamou muito bem: sentido heroico da vida. As misérias, as desgraças, a dor, não esmagam o homem mas sim são a mola essencial do sonho que os eleva e liberta. Para compreender todos os recônditos da vida Jorge Amado desceu a contemplá-la de perto, a vivê-la com os seus personagens, sofrendo as suas dores e gosando as suas alegrias. É êle que tal confessa, mas não era preciso fazê-lo porque o crítico desapaixonado adivinha, por trás daquelas páginas que um verdadeiro génio estético escreveu, a figura do homem capaz de aderir ao miolo da sua obra, sentindo-a e vivendo-a com o seu próprio sangue.

(A seguir: Amando Fontes e Lins do Rêgo)

António Ramos de Almeida

DUAS PALAVRAS SOBRE A PROJECTADA FILMAGEM DE OS LUSÍADAS

Há tempos, os jornais trouxeram uma notícia tão inesperada como sensacional: projectava-se, como contribuição para as futuras comemorações do duplo centenário da restauração portuguesa, nem mais nem menos do que... filmar «Os Lusíadas»!

Não é de agora essa ideia tão disparatada. Há muitos anos que, periodicamente, vem à baila essa tolice. Desta vez, porém, as coisas tomam feição diversa. Não podemos, como anteriormente, acolher com um sorriso essa notícia e deixá-la passar com o encolher de ombros que merecem as hipóteses toleimas que, tantas vezes, se lançam ao ar, à falta do que dizer.

Agora aparecem nomes, aparecem pessoas com responsabilidades, fazendo declarações que envolvem outros nomes, outras pessoas. É o sr. dr. Campos Figueira, presidente do Conselho de Administração da Tobis Portuguesa que vem afirmar publicamente, no «Diário de Lisboa» (15-6-38), que «está em estudo uma proposta, assente em bases sérias», a apresentar ao Governo da Nação, afim de levar a efeito a adaptação cinematográfica da imortal epopeia de Camões.

E explica que a obra «será realizada por um grupo de realizadores portugueses» (cita Leitão de Barros, Chianca de Garcia, e Brum do Canto); que «haverá um conselho literário ao qual compete orientar a realização do filme» (cita outros nomes); que

«não haverá vedetas técnicas ou artísticas, porque a única vedeta é Portugal»; que nesta fantástica organização «ninguém poderá entrar para se encher de glória ou de dinheiro pois que todos se apagarão diante do formidável empreendimento recebendo apenas um prémio moral: colaborar nos Lusíadas»; que «se aproveitarem determinadas reconstituições» que se projectam e que se espera que o Governo entre com algumas centenas de milhares de contos.

Tudo isto vem rodeado de grandes manifestações patrióticas, como era de preceito.

Acontece, desde já, que algumas das pessoas indignadas para colaborar nessa hipótese realização cinematográfica vieram imediatamente a público afirmar categoricamente que não só não colaborarão como ainda condenam em absoluto tão insensato projecto.

Jorge Brum do Canto, numa carta dirigida a «Cine-Jornal», toma sobre si a responsabilidade do primeiro grito de alarme em defesa duma obra intangível e em nome do bom-senso. Honra lhe seja feita.

É igualmente em nome do bom-senso e porque o manda a minha consciência de português que entro a combater para, da mesma forma, apontar como ultrajante e indecorosa essa pretensa filmagem de Os Lusíadas.

Camões e Os Lusíadas devem mere-

cer de todos nós o respeito bastante para que permitamos que um ou um cento de senhores tresloucados lhes façam um arre-mêdo artístico.

Façam o que quiserem, mas não toquem nos Lusíadas.

A insensatez do projecto é tão grande e tão atrevida, que nem mede as miséras possibilidades que existem em Portugal para pôr em imagens dignas os versos de Camões. E só em Portugal? Onde está aí o génio capaz de igualar o poeta? Mas se existisse esse génio no cinema (que não existe, nem cá nem lá fóra), capaz de traduzir com grandeza Os Lusíadas em imagens, como seria possível, ainda que dispondo de todos os meios de que dispõe Hollywood, condensar nalguns milhares de metros de celuloide os dez cantos do poema?... Loucura chapada.

Filmar Os Lusíadas não é organizar cortejos históricos, reconstituir embaixadas no século XVIII. A mascarada acarretaria o ridículo.

Falta ainda esclarecer um ponto: Brum do Canto clama para que se não cometa pecado sem perdão. Eu, por outro lado, gostaria de saber se, neste famigerado projecto, há só boas e cândidas intenções.

Espero, porém, que em tão fantástica proposta, acalmando o nosso sobressalto, seja dado o merecido golpe de misericórdia.

ALVES COSTA

sol nascente

sol nascente